

Editorial da Revista *Diálogos Mediterrânicos 18*

Movimentos, Dinâmicas e a História pré-Moderna. Apresentação do Dossiê *As Mobilidades no Mediterrâneo*.

Otávio Luiz Vieira Pinto*

O que move a História? Uma pergunta, de aparência simples, mas que mobilizou os esforços intelectuais de pensadores e pensadoras ao longo dos séculos – de Heródoto à Sīmā Qiān, dos sagrados textos védicos aos autores cristãos e muçulmanos da Eurásia, das teodiceias da filosofia da religião à dialética da filosofia da História. Nas entranhas de sua aparente simplicidade objetiva, esta pergunta engendra uma série de suposições mais complexas: o que é a História? Ela existe, como um dado externo, permeando os passos da humanidade? Ela se “move” em sentido linear ou espirala em ciclos eternos?

Certamente, as searas epistemológicas e contemporâneas da teoria da História se debruçaram – e ainda se debruçam – sobre estas questões de maneira profunda, e as breves linhas deste editorial não poderiam fazer justiça às (tentativas de) respostas correntes. Ainda assim, passear por estas ideias que repousam na fundação da História enquanto disciplina científica traz à baila uma palavra recorrente: movimento. Se asseverar o “movimento da História” se mostra como uma demanda excessivamente filosófica, discutir o movimento de homens e mulheres no tempo e no espaço parece ser uma forma dinâmica e importante de discutir o passado e de propor respostas para algumas das tantas instigantes perguntas que sustentam a historiografia acadêmica.

É com este espírito – das dinâmicas, dos movimentos e das inquietações – que apresentamos o dossiê *As Mobilidades do Mediterrâneo*, uma coleção de textos arquitetada a partir da proposta de se pensar o mundo pré-Moderno como um espaço vivo, um espaço de constante transformação, um espaço de pluralidade. Afinal, a perspectiva de que os séculos que antecedem a travessia europeia do Atlântico descrevem uma história provincial, rígida e fixa em atrasos e superstição ainda é comum.

Tendo o mar Mediterrâneo – o *Mare Nostrum* – como palco, os textos que compõem este dossiê versam sobre variadas e instigantes formas de movimento: movimentos culturais que culminam em hibridismo religioso; movimentos políticos de exílio e

* Professor Adjunto I de História da África – Departamento de História – Universidade Federal do Paraná; Doutor em História Medieval da University of Leeds; Editor da Revista *Diálogos Mediterrânicos*.

desterro; movimentos eclesiásticos e militares; movimentos simbólicos e performáticos. O escopo cronológico é igualmente amplo, visto que este dossiê vai da Alexandria dos tempos ptolomaicos até o “Crepúsculo Medieval” que marca o século XV.

A proposta aqui apresentada não responde somente às demandas correntes da historiografia Antiga e Medieval, mas também vai ao encontro de questões urgentes que emergem no seio de nossa sociedade. A História, enquanto um válido e científico campo de saber, está na ordem do dia. Movimentos anti-intelectuais que flertam com negacionismos e revisionismos políticos colocam em xeque a credibilidade do sério trabalho desenvolvido por historiadores e historiadores em todo o Brasil (e além, visto que esta “virada negacionista” tem ares globais e se articula por todo o globo). Assistimos, em tempo real, a erosão do peso social dos discursos e métodos historiográficos, que cede espaço para “achismos”, teorias da conspiração ou negações diretas de qualquer passado considerado “incomodo”. A autocracia das opiniões infundadas e comprometidas com posições facciosas não pode solapar o método, a epistemologia e a cuidadosa operação historiográfica que funciona como pedra angular de nosso *métier*. Certamente que esta “operação historiográfica” merece, sim, ser alvo de críticas e revisões – mas estas críticas e revisões devem vir de locais de ciência, erudição e honestidade, e não podem ceder espaço para o embate polarizado da ignorância. Assim, afirmamos que o corpo editorial da *Diálogos Mediterrânicos* estará sempre do lado da historiografia séria e cuidadosa. Nosso compromisso na luta pela História não será abalado pelas vicissitudes de nosso tempo, e esperamos fortalecer, em nossa comunidade, esta mesma crença – e que ela seja sempre nutrida com o fruto do trabalho de historiadores e historiadoras espalhados por todo o país. É com esta verve, preocupada, mas resoluta, que apresentamos, com prazer e orgulho, os artigos deste dossiê.

Joana Campos Clímaco abre, cronologicamente, este dossiê com uma contribuição acerca do panorama cultural e religioso da Alexandria Ptolomaica, pensando como a mobilidade de crenças e as necessidades por legitimação política podem nos levar a revisitar e repensar o culto de Serápis em uma Antiguidade entendida como cosmopolita e, dentro de suas próprias possibilidades, “global”.

Ana Teresa Marques Gonçalves, por sua vez, discute o auto-exílio de Tásccio Cecílio Cipriano, bispo de Cartago durante o agitado século III. No caso de Cipriano, a mobilidade advém da perseguição religiosa movida pelos imperadores Décio e,

posteriormente, Valeriano – e gera, como consequência, uma série de conflitos entre as comunidades cristãs do Norte da África.

Ainda no âmbito da política episcopal e da religião, Gilvan Ventura da Silva nos leva ao século V, tempo do famoso bispo de Constantinopla, João Crisóstomo. O autor centra seu argumento nas cartas desta personagem e, a partir delas, discute o estatuto do exílio e das mobilidades dentro do universo romano, ressaltando as dificuldades, os transtornos e as vulnerabilidades envolvidas nestes processos de movimento – seja ele voluntário ou juridicamente imposto.

Com a contribuição de Paulo Duarte Silva, vemos uma outra figura episcopal – Leão I, bispo de Roma do século V – a partir de uma diferente forma de mobilidade: a mobilidade interpretativa e reputacional. Paulo Duarte Silva discute o papel e a influência de Leão I na formação de um “papado medieval”, uma ideia bastante presente na historiografia e que, como bem aponta o autor, precisa ser revisitada e repensada.

Após um salto cronológico até o século VII, chegamos à contribuição de Renan Frighetto, que analisa o papel da tonsura como estratégia jurídica (e, ao mesmo tempo, simbólica e performática) para o afastamento de reis hispano-visigodos do mundo secular. Aqui, a mobilidade pode ser compreendida a partir do prisma geográfico, jurídico, político e, até mesmo, religioso.

Encerramos este dossiê em um salto temporal que nos leva aos séculos XIV e XV. A partir da atuação de Pero Niño, descrita por Gutierre Diez de Games no *El Victorial*, Fátima Regina Fernandes discute como a mobilidade geográfica das viagens e aventuras destas personagens configura também uma forma de mobilidade política – visto que é justamente o movimento que cria oportunidades de ascensão social para Pero Niño.

Além destes estudos que compõe o dossiê, temos duas excelentes contribuições como artigos livres oferecidas, respectivamente, por Andreia Vicente Silva e um trabalho de autoria coletiva feito por André Luiz Leme, Marcos Luís Ehrhardt, Milton Stanczyk Filho e Moisés Antiquiera. Com igual destaque, estamos publicando pela primeira vez uma entrevista realizada por Marcella Lopes Guimarães com o Professor Doutor Martin Aurell, professor da Université de Poitiers e um dos expoentes dos estudos de História Medieval na França.

Ressaltamos, mais uma vez, a qualidade e a importância das contribuições aqui apresentadas. Assim, desejamos a todas e todos uma excelente e frutífera leitura!